

ro e Floriano, nossos Pais Fundadores (cada povo tem os Pais Fundadores que merece); dos presidentes paulistas, dos mineiros, de todos os varões da República? Passaram-se pouco mais de cem anos, e eis Fernando Henrique I. Não é um pesadelo, entendam bem. O pesadelo vem carregado de um tormento avassalador, abrupto e lancinante, que as coisas do Brasil não conseguem produzir e tampouco o próprio FHC. A quem, de resto, é justo atribuir uma originalidade, representada pela aptidão de conjugar numa pessoa só o soberano, o mestre e o pai.

FHC ministra diariamente, a bem do país, uma aula abrangente, oceânica, no alcance de pensamentos essenciais e definitivos. Ele não se atém à política e à economia. É uma lição inesgotável de sabedoria em todos os quadrantes possíveis, desde a filosofia pura até preferências gastronômicas. E agora respondam depressa: Luiz XIV, Frederico da Prússia, Pedro, o Grande, chegariam a tanto? Não foi por acaso que escolhi três figuras bem distintas e nem por isso capacitadas a reunir em si mesmas todas as qualidades de Fernando Henrique I.

Talvez entre os mirrados leitores deste artigo haja quem lamente um certo autoritarismo na entrevista de FHC à Rádio Guaíba. Pois então raciocino. Uma coisa é um presidente da República democraticamente eleito e outra é um monarca. No sentido clássico, que fique claro. Não estamos falando da rainha da Inglaterra, e sim de um rei anterior à Revolução Francesa. O que é lógico. Não será difícil constatar que o Brasil não fez a Revolução Francesa e, ao que tudo indica, jamais a fará. Até porque o tempo passou e o bonde da história não volta mais.

Vamos à questão. A sociedade afluente do Brasil quis que FHC se espalhasse. FHC não deixou por menos. Alguns cidadãos em boa-fé ficam de queixo tombado se FHC diz que o MST quer derrubar o governo, ou que não viu "um argumento que dissesse que a venda da Vale está errada". Eles sabem que o objetivo do MST é outro, até da boca dos líderes do movimento. Ouviram também uma enxurrada de argumentos contra a venda da Vale, e alguns dignos de consideração, no mínimo. Não atingem, porém, o âmago do problema. O belo tipo fa-

*dãos em boa fé ficam de queixo tombado se FHC diz que o MST quer derubar o governo.*

homem brilhe... E aí vem ele, frio, implacável: "Não estou satisfeito". Naquela noite, a turma não conseguiu engolir o trivial; todos foram para a cama mais cedo, perguntando aos seus botões: "Onde, quando, como e por que errei?"

Para a primeira interrogação — quem? — da célebre fórmula codificada há 133 anos por um repórter da Guerra da Secessão, a resposta é inevitável: eu, eu, eu... Ingratidão de FHC? Ora, a ingratidão é própria dos mortais comuns. Na equação de um rei não entra. Suspeito, para ser franco, que se o pessoal se entregar a um exame de consciência, verificará sem maiores embargos a sua culpa em cartório. Sempre é possível elevar os decibéis da badalação do monarca.

Falei acima da Revolução Francesa. Dela nasceram, ainda que expostas periodicamente a chuvas e trovoadas, as democracias europeias. E alguns entre nós, ao se referirem à democracia, cogitam daquelas. O que configura, receio, uma imperdoável ingenuidade. Quando FHC diz que o MST virou um movimento político "que atrapalha o Brasil porque está desrespeitando a democracia" não alude certamente a um regime gerado, mesmo com muito atraso, pela Revolução Francesa. O seu modelo é o dos Estados Unidos, onde os partidos são máquinas sem ideologia, conduzidas por meia dúzia de profissionais prontos a defender a idéia de que basta a eleição para legitimar o sistema democrático. Disso nasceu a denúncia de um político americano de 150 anos atrás, um certo John Calhoun, duas vezes vice-presidente dos Estados Unidos, o qual clamava contra uma "ditadura da maioria", Calhoun antecipou situações que estão acontecendo agora.

Fernando Henrique I parece basear as suas atitudes e falas majestáticas na convicção de que o apoio eleitoral recebido em 1994 é perene e perenemente lhe confere poderes extraordinários. Talvez esteja exagerando. Claro que um goela faz de tudo para não perder posição. Para não pôr um risco a reeleição, ele não hesitará, por exemplo, em sacrificar cortesãos fidelíssimos, até da equipe econômica. No mais, duvido que o próprio Tancredo, que tinha ótimo faro, imaginasse dias iguais aos de hoje.

FHC

\* 4 MAI 1997

CORREIO BRAZILIENSE

\* 4 MAI 1997

## MINO CARTA

# Rei, mestre e pai

*Inovações de Fernando Henrique em relação à figura clássica do monarca*

O maior goela da política nacional. Com estas palavras, nem uma a mais, nem uma a menos, Tancredo Neves definiu Fernando Henrique Cardoso nos bastidores de sua campanha à Presidência da República, nos últimos meses de 1984. Na época, FHC era um suplente de senador promovido a titular pela ascensão de André Franco Montoro, de quem fora reserva, ao governo de São Paulo, em 1982. Tancredo era candidato da Aliança Democrática no pleito indireto marcado para janeiro de 1985, do qual sairia vencedor contra Paulo Maluf. Tancredo e FHC tinham sido correligionários no MDB e no PMDB e naquele momento estavam militando novamente debaixo da mesma bandeira, depois de um período em que o ex-governador de Minas havia presidido o PP — Partido Popular, mas Tancredo não tinha uma opinião muito lisonjeira em relação a esse companheiro de viagem.

Goela, no sentido figurado, tanto pode qualificar pessoa gananciosa, quanto aquele que conta vantagem. Quem ouviu a definição de Tancredo não tem dúvidas de que ele escalava FHC na primeira categoria, embora às vezes o nosso atual presidente cultive o perigoso prazer de contar vantagem. Tancredo tomou seus cuidados e tudo que ofereceu a FHC foi um posto praticamente inventado, o de líder do governo no Senado. Deixou que da mesa caísse uma migalha, e olhe lá. Naturalmente, o goela a degustou com o fervor da carola da missa das sete. De todo modo, como vão longe aqueles tempos modestos...

E no outro dia me perguntei: será que está sendo restabelecido o regime monárquico? Acabava de ler uma entrevista de

Fernando Henrique à Rádio Guaíba, de Porto Alegre, e senti ali a presença do rei. De que adiantou esforço de Deodo-

ceiro que fala para a Rádio Guaíba não é mais o presidente democraticamente eleito, é o rei que a sociedade afluente do Brasil pediu ao Senhor. Ele não precisa ser justo nas suas declarações. Equilibrado. De certa forma equidistante. Olímpico. Ele afirma — e ponto. Ele não frequenta a verdade sacrossanta? Tudo bem, o rei pode.

O rei pode dizer o que quiser, dar peteleco em quem entender. No Congresso, nos funcionários públicos, na oposição, na imprensa. Tomado pela curiosidade jornalística, eu gostaria, aliás, de dar uma circulada pelas redações do *Estadão*, da *Veja*, da *Exame*, da *Globo*, e outros rincões da mídia em que nos últimos anos tudo se fez para favorecer o goela. Meu Deus (FHC tem invocado o Criador com freqüência e me permito imitá-lo), meu Deus, que punhalada FHC vibrou nas costas da imprensa. Atirou todo mundo no mesmo baloiço, confundindo a regra com a exceção, rala e clamorosa, das maçãs podres. Juro, fiquei triste, não por mim, bichado pelo espírito crítico e portanto irreverenciável, mas pelos colegas, tão solícitos no serviço prestado ao presidente mais amado da história do Brasil, e pelos seus patrões, tão fascinados diante vertiginosas perspectivas da Banda B. Digo, aquele milagroso terreno de negócios avaliados em mais de 70 bilhões de dólares, os negócios das comunicações administrados pelo ministro Sérgio Motta.

Sobre esta imprensa que toca harpa e violinos aos pés do trono sem dar por enquanto sensíveis sinal de fadiga, Fernando Henrique I passou como um trator. Tento figurar o espanto dos profissionais e seus donos quando ouviram, ou leram, FHC cortante como a cimitarra do Saladino:

"Não, não estou satisfeito com a imprensa". E a ti grada que faz o diabo para que o

A

alguns cida-